

CAPÍTULO UM

Considerações bíblicas gerais sobre a Igreja

Muito se tem discutido e divergido a respeito da Igreja de Jesus Cristo: Trata-se de uma instituição humana, divida ou divino-humana? Existe alguma ou algumas dentre as muitas igrejas existentes que representam a Igreja de Cristo na terra? Caso positivo, qual? Quais as chances de uma pessoa procurar viver o evangelho vinculada a certa denominação, ou sem vínculo denominacional, e no Grande Dia ouvir de Jesus: “Nunca te conheci!”, pelo só fato de ela não ter se tornado membro da “igreja correta” ou “legítima”?

A resposta segura para tais questionamentos, e tantos outros semelhantes, somente pode ser alcançada a partir da **correta percepção da natureza e essência da Igreja instituída por Jesus Cristo**, mediante estudo comprometido das Escrituras, onde registrados seus princípios, nascimento, composição e propósito.

Tendo sido esse o objeto do presente capítulo, adianto sua conclusão no sentido de que **a inserção e manutenção de uma pessoa na Igreja de Cristo não passa pela filiação** – não proibida – **a determinada instituição religiosa, por melhores que sejam suas credenciais**. Não se negará a necessidade de os cristãos se congregarem e de tais congregações viverem em comunhão, **mas se enfatizará que essa comunhão deve acontecer com absoluta liberdade em Cristo Jesus**, sem subordinações individuais ou coletivas impostas por pretensos representantes da Igreja por intermédio de instituições humanas estabelecidas.

Nas palavras do reverendo Caio Fábio, **“Jesus não instituiu essa representação [por denominações] e não tem nada a ver com essa representação, porque Deus não habita em instituições nem em grupos humanos. Deus habita corações. Grupos humanos são habitados por Deus quando indivíduos desses grupos humanos vivem no amor de Deus”¹.**

¹ Palavras proferidas no programa Papo de Graça, veiculado pela Vem & Vê TV, disponibilizado no site <https://www.youtube.com/watch?v=8uiX2cTLUIs>, acessado no dia 03/10/2015.

I. FIGURAS DA IGREJA

O princípio da Igreja na criação

O livro de Gênesis, enquanto livro do princípio das coisas, muito pode nos ensinar a respeito da Igreja instituída por Jesus Cristo.

Normalmente, quando pensamos na humanidade, a pensamos como uma multidão de pessoas autônomas e completamente independentes. De fato, é assim que temos vivido desde a queda pelo pecado de Adão.

No princípio, entretanto, quando Deus criou o homem e a mulher, formou-os como uma só unidade, uma só carne, um só corpo. Uma só unidade que, por determinação divina, deveria multiplicar-se e encher a terra. “Encher a terra” dessa unidade – desse corpo, da imagem e semelhança de Deus, da forma como a trindade existe na relação –, e não de milhões ou bilhões de seres autônomos e independentes, cada qual refletindo a própria imagem.

A melhor maneira de nos aproximarmos da compreensão do propósito de Deus, acredito, é pela observação das células do corpo humano, para o que faço uso das informações disponibilizadas em site especializado².

“A ciência reconhece a célula como a menor parte dos seres vivos com forma e função definidas, dispondo de todo o necessário para realizar as funções de um ser vivo, como nutrição, produção de energia e reprodução. Cada célula do nosso corpo tem uma função específica. Mas todas desempenham uma atividade "comunitária", trabalhando de maneira integrada com as demais células do corpo. **É como se o nosso organismo fosse uma imensa sociedade de células, que cooperam umas com as outras, dividindo o trabalho entre si.** Juntas, elas garantem a execução das inúmeras tarefas responsáveis pela manutenção da vida.”

² <http://www.sobiologia.com.br/conteudos/Corpo/Celula.php>, acessado em 20.06.2015.

Existem diferentes tipos de células, conforme sua função no corpo. As células com função e forma idênticas se organizam em grupo e, trabalhando de maneira integrada, desempenham, juntas, uma determinada função. Esses grupos de células são denominados tecidos, e são classificados em: 1) **tecido epitelial**, com função principal de revestir e proteger o corpo e seus órgãos, do qual surgem, por exemplo, as peles, o revestimento da boca e do estômago, além das glândulas, que fabricam hormônios, sucos digestivos, lágrimas e suor; 2) **tecido conjuntivo**, com função de unir e sustentar os órgãos do corpo, subclassificando-se, conforme a função, em tecido adiposo (formação de gorduras para fornecer energia para o corpo, atuar como isolante térmico, oferecer proteção contra choques mecânicos), tecido cartilaginoso (formação das cartilagens do nariz, da orelha, da traquéia e das articulações da maioria dos ossos), tecido ósseo (formação dos ossos), tecido sanguíneo (formação do sangue); 3) **tecido muscular**, com função de possibilitar a contração muscular e a movimentação do corpo, subclassificando-se em, conforme a função, em tecido muscular liso (com contração lenta e involuntária, forma a musculatura dos órgãos internos, como a bexiga, estômago, intestino e vasos sanguíneos), tecido muscular estriado esquelético (com contração rápida e voluntária, liga-se aos ossos e possibilita o movimento do corpo) e tecido muscular estriado cardíaco (com contração involuntária e ininterrupta, promove os movimentos do coração); 4) **tecido nervoso**, com função de receber estímulos e conduzir a informação para outras células.

Os tecidos também se agrupam, **formando órgãos** com funções mais complexas. É o caso, por exemplo, do estômago, formado pela junção e atuação conjunta de tecido epitelial e de muscular, entre outros.

Os órgãos, por sua vez, interagem no corpo humano para desempenhar determinada função, **formando sistemas**, a exemplo do sistema digestivo (glândulas anexas, como as glândulas salivares, o pâncreas e o fígado), e do sistema respiratório (boca, faringe, esôfago, estômago, intestino delgado e intestino grosso).

Tudo começa, portanto, com uma única célula, a qual, pelo processo de divisão e duplicação, se multiplica até chegar a trilhões. Esses

trilhões de células, entretanto, não constituem, individualmente, um organismo autônomo e independente, nem os tecidos, os órgãos ou os sistemas. Mesmo determinado sistema, composto por diversos órgãos, não tem autonomia e independência. Cada célula é parte de um só organismo. **São trilhões que, cada qual com sua função, congregadas e unidas, formam um só corpo.**

Essa multiplicação não termina em um ser humano completo, com seus trilhões de células, nem se circunscreve a ele. Adão – inicialmente feito completo em si mesmo, e como tal não podendo ser imagem e semelhança de um Deus trino, que se completa na relação Pai-Filho-Espírito Santo em amor –, passa pelo processo de divisão e duplicação, assim como as células individualmente, dando origem a um novo ser, a quem chamou Eva por ter sido originada dele³.

Adão [ish, no original hebraico) e Eva [ishah], entretanto, não foram dois seres autônomos e independentes, mas sim duas partes de um mesmo organismo, chamado Ser Humano [adam, no original]. Aliás, a congregação de Adão e Eva para formar uma nova unidade foi atestada por Deus (Gn 2.24), que expressamente advertiu e asseverou: “o que Deus uniu, não separe o homem” (Mt 19.1-6). Esse novo organismo, na verdade, não é constituído por apenas duas partes (Adão e Eva), mas por três, pois o sopro de Deus [nshamah, no original] constitui o terceiro e principal elemento dessa unidade.

Agora sim, completando-se na relação em amor, o ser humano poderia ser, de fato, imagem e semelhança de um Deus trino. A esse ser humano (trino) foi que Deus deu a ordem constante de Gn 1.28: **“Multiplicai-vos e enchei a terra”**. Muito mais do que a multiplicação da quantidade de pessoas na terra, entretanto, **o que Deus ordenou foi que essa forma de viver em unidade, a qual reflete a trindade, fosse espalhada por toda a terra**. Ou seja, não bastava ao ser humano multiplicar-se em número, tornando-se bilhões ou trilhões de pessoas,

³ O detalhamento da passagem do ser humano de uma primeira versão (completo em si mesmo) para uma segunda versão (completo na relação) pode ser observado no livro **“Casamento – Uma Abordagem Jurídica à Luz da Bíblia”**, de minha autoria, ou no artigo intitulado **“A Reprovação da Primeira Versão do Ser Humano no Teste de Qualidade Divino”**, disponibilizado no site wemer-hesbom.webnode.com.

mostrando-se necessário que, apesar da quantidade, **funcionassem todos como um só corpo: a humanidade.**

Entretanto, assim como o corpo humano – *unidade composta por trilhões de células* – possui células com função específica de promover sua unidade e sustentação (os tecidos conjuntivos), a humanidade – *unidade composta por bilhões ou trilhões de seres humanos* – também contaria com elemento indispensável à manutenção da unidade: **a obediência altruísta pelo amor**. Uma vez tendo cedido à vontade própria em detrimento da vontade divina (desobediência no Jardim do Edem), a humanidade tornou-se egoísta, porque escrava dessa vontade (2 Pe 2.19b), e deixou de experimentar o viver harmônico e orgânico para o qual criada. Assim, da mesma forma que um corpo humano adoece e morre quando algumas de suas células deixam de servir o corpo com suas respectivas funções, a humanidade – enquanto imagem e semelhança de Deus – adoeceu e seu destino passou a ser a morte, consoante Deus advertira: “...**certamente morrerás**” (Gn 2.17).

Ainda utilizando-me da analogia com as células do corpo humano, a queda da humanidade, pelo pecado, pode ser bem ilustrada a partir do câncer que atinge determinada célula do corpo de uma pessoa. Todas as células de um corpo se originam de uma mesma célula inicial, contendo todas elas a mesma informação genética e podendo todo o corpo funcionar de forma harmônica. O câncer, assim, pode ser concebido como a modificação dessas informações genéticas em uma determinada célula, que além de passar a agir de forma contrária ao movimento orgânico corporal pré-definido se multiplica e dá origem a outras células com a mesma informação genética distorcida.

Adão, da mesma forma, recebera de Deus a informação em seu **DNA existencial** de que a vida consistia na **obediência altruísta (amor)**; que a felicidade só seria experimentada pela humanidade na medida em que ela abrisse mão de buscar seus próprios interesses e cuidasse das necessidades do outro, porque integrante do mesmo Corpo. A serpente, entretanto, se infiltra como um vírus no Jardim do Éden e confunde Adão, afirmando que a desobediência à vontade divina e primazia à própria

vontade, ao invés de ocasionar sua morte, faria dele uma pessoa superior: “sereis como Deus” (Gn 3.5).

Uma vez tendo dado ouvido à voz enganosa viral, **o DNA da humanidade restou modificado**: onde Deus havia escrito AMOR escreveu-se EGOÍSMO; onde se escrevera obediência, escreveu-se desobediência; os antigos “para você”, “para ele” e “para nós” deram lugar ao “para mim”; a “minha obrigação” cedeu diante do “meu direito”.

Desde então, a humanidade tem multiplicado pessoas contaminadas com esse mesmo erro no DNA. Resultado: homicídios, traições, roubos, agressões, estupros, seqüestros, doenças, explorações, discriminações etc. Deus, porém, não permitiu que a história da humanidade acabasse em morte e deu início ao seu plano, traçado e executado desde antes da fundação do mundo (Mt 25.34, Ef 1.4; 1 Pe 1.20, Ap 13.8).

Como, entretanto, os seres humanos adoecidos, cegados e ensurdecidos pelo domínio do ego poderiam entender e aceitar o tão magnífico plano de salvação quando implementado? Deus também pensou nisso e interveio ao longo da história da humanidade para nela desenhar uma figura representativa a partir da qual nós, humanos, pudéssemos compreender o que se passa no plano macro existencial eterno, o que restou expressamente reconhecido pelo Apóstolo Paulo e pelo escritor da carta aos hebreus (Rm 5.14, 1 Co 10.6, Cl 2.17, Hb 8.5, Hb 9.24 e Hb 10.1).

Entre essas figuras encontram-se o dilúvio, a destruição de Sodoma e Gomorra com fogo e, principalmente, a história do povo de Israel. E é justamente em Israel que encontraremos a figura da Igreja, instituída por Jesus nas primeiras décadas da era cristã, consoante se observará no tópico seguinte.

O princípio da Igreja na Velha Aliança

Quando Deus chama Abraão para ser o Pai da nação que, dentre todas as demais, teria como Sua, ele diz: **“farei de você um grande povo”**

(Gn 12.2). A palavra aqui traduzida por povo, referindo-se ao povo de Israel, teve origem no hebraico gowy (go'-ee), que passa a idéia de nação ou Estado: **sociedade de homens, fixada em território próprio e submetida a um governo independente.**

A noção de Povo, Estado ou Nação – termos aqui genericamente utilizados como sinônimos – nos remete a uma tentativa de imitação de um corpo orgânico, cujas células que o integram, sob governo único e centralizado, funcionam de forma harmônica e visando um bem comum: **a existência, funcionamento, manutenção e desenvolvimento saudável do todo.**

O que Deus prometia, portanto, era que a partir de Abraão daria origem a uma sociedade, um ajuntamento, uma **congregação**, uma assembléia de pessoas que se diferenciaria das demais pelo fato de terem **Deus por Senhor** e a Ele **obedecer**. Essa assembléia de pessoas mais tarde passou a ser conhecida como povo de Israel, haja vista composta por doze tribos que descendiam dos doze filhos de Israel, filho de Isaque e neto de Abraão.

Eis, portanto, os principais elementos caracterizadores da nação de Israel, figura da Igreja na Velha Aliança: **formação de uma unidade composta pela congregação de milhões de pessoas subordinadas a uma única vontade: a vontade de Deus.**

Eis, assim, interessantes paralelos entre o povo de Israel e o corpo humano orgânico: 1) os trilhões de células que compõem o corpo se originaram de uma única célula, que se multiplicou; as mais de um milhão de pessoas cuja união formava Israel originaram-se de um único ser humano: Abraão e Sarah (Gn 12.2); 2) as células se juntam em tecidos, os tecidos se juntam em órgãos, os órgãos se juntam em sistemas e o funcionamento do todo ocasiona a vida do organismo humano; Israel era formado pela soma de Tribos, que se constituía da soma de clãs, que eram compostos da junção de famílias, as quais, por sua vez, formavam-se pela união de pessoas; 3) as células de um corpo têm funções e capacidades distintas, conforme seu papel na vida orgânica que integra; Deus concedeu funções e dons distintos às diversas tribos, clãs, famílias e

peçoas (Ex 28.3, 31.3 e 6, 35.26 e 30-35, 36.1-2); 4) as células que se misturam com organismos estranhos, que se fazem passar por integrante do organismo (vírus, bactérias etc), tornam-se uma ameaça para o corpo porque recebem instruções erradas e multiplicam células com essa mesma característica, razão pela qual precisam ser eliminadas; o povo de Israel não deveria manter comunhão com povos que não se sujeitavam a Deus, bem como deveria eliminar do meio de si quaisquer que deliberadamente a Ele não se submetesse (Lv 18.29; Dt 12 e 13 e 17.1-12; Dt 19.1-13 e 20.10-20; Sl 37.9, 101.8, 104.34; Pv 2.22; At 3.23); 5) o câncer em uma só célula ou conjunto de células tem o potencial de destruir todo o corpo: o pecado (desobediência) de um só homem ou grupo de homens fazia e faz todo o povo padecer (Js 22.20 e Rm 5.19); 6) células doentes podem ser eliminadas e substituídas por outras com a mesma função orgânica, garantindo-se a manutenção do corpo: muitas vezes ao longa da história de Israel pessoas foram exterminadas da congregação porque contaminadas pelo pecado (desobediência), sendo suas funções substituídas por contemporâneos ou pelas gerações posteriores.

Por mais que se assemelhasse a um corpo orgânico, a unidade de Israel não passava de uma figura, uma imitação, um reflexo, uma sombra do Verdadeiro e Real: um Novo e Último Adão completamente livre de células cancerígenas para cujo corpo poderiam ser transportadas as células (pessoas) anteriormente escravas do pecado (desobediência), em razão da alteração das informações genéticas do DNA.

Essa foi a promessa de Deus pelo profeta Isaías, dentre outros: “O Espírito do SENHOR Deus está sobre mim, porque o **SENHOR me ungiu** para **pregar boas-novas** aos quebrantados, enviou-me a **curar** os quebrantados de coração, a **proclamar libertação** aos cativos e a **pôr em liberdade** os algemados” (Is 61.1).

II. A INSTITUIÇÃO DA IGREJA DE JESUS CRISTO

O espírito de Cristo é um com o espírito do Pai. Assim, quando convidamos Jesus Cristo para habitar em nós, pelo seu Espírito, **nos tornamos um com o Pai, como éramos no princípio** (Jo 17.21-23).

Essa unidade é chamada pelas Escrituras de **Corpo de Cristo**, do qual Ele é a cabeça (Ef. 5.23; Cl. 1.18; Cl. 2.19). O apóstolo Paulo diz que, embora sejamos muitos, **“somos um só corpo em Cristo”** e, portanto, “individualmente membros uns dos outros” (Romanos 12.5). Diz ainda que o corpo não deixa de ser uma unidade pelo só fato de ser composto por vários membros, cada qual com sua função (v. 12), e que essa unidade se dá graças à presença do **mesmo Espírito em todos** (v. 13).

Esse Corpo de Cristo na terra é referido no Novo Testamento como Sua **Igreja**, edificada por Cristo e sobre Ele (Mt 16.18 e Cl. 1.24), a pedra angular rejeitada pelos construtores (Sl 118.22, 10.4, Mc 12.10, At 4.11, 1 Pe 2.6), a quem Paulo chamou de “último Adão” (I Co 15.45). Lançando mão da nossa analogia: **Cristo foi a célula primeira em cujo “DNA” constava a “informação genética” correta que se multiplicaria a todos quantos Ele gerasse: obediência em amor.**

A palavra grega traduzida por Igreja é ekklesia, que tem o sentido de assembléia, **congregação** ou ajuntamento. Congregar é o ato de **reunir-se**, de **juntar-se**, assim como a humanidade foi criada, inicialmente, para viver de forma unida e Israel, a sombra da Igreja na Velha Aliança, viveu como uma assembléia pela congregação de seus integrantes.

Jesus não se esvaziou de Sua glória e tomou a forma limitada de ser humano sem razão. **Tinha, sim, um propósito**, o qual foi revelado pelo profeta Isaías, conforme acima transcrito: “O Espírito do SENHOR Deus está sobre mim, porque **o SENHOR me ungiu** para **pregar boas-novas** aos quebrantados, enviou-me **a curar** os quebrantados de coração, a **proclamar libertação** aos cativos e a **pôr em liberdade** os algemados” (Is 61.1), constituindo um povo que seria reconhecido como **“um povo abençoado por Deus”** (v. 9).

Ou seja, estando o povo sofrendo terrivelmente por causa da **doença da escravidão do egoísmo** (pecado) e de satanás, Deus prenuncia a chegada de um **ungido** do Senhor para **curá-lo e libertá-lo** (v. 1), concluindo que esses libertos, retirados da escravidão, do império das trevas, seriam reconhecidos como **“povo abençoado pelo Senhor”** (v. 9).

A palavra hebraica aqui traduzida por ungido é mashach (maw-shakh'), cujo equivalente grego é Cristo. Pouco mais de setecentos anos depois, estando Jesus na sinagoga em certo sábado, como era Seu costume, e tendo-lhe sido entregue o livro do profeta Isaías, leu o trecho equivalente aos dois primeiros versículos da passagem transcrita, revelando, ao fim da leitura: **“hoje se cumpriu sobre mim o que acabais de ouvir”** (Lc 4.16-21).

Jesus, assim, expressamente, identificou-se como o ungido (do hebraico mashach), o Cristo (do grego Christos), prometido pelo Senhor para libertar a humanidade da escravidão e da morte, como a “célula-mãe” que se multiplicaria até livrar a humanidade do câncer que a acometeu.

Passados alguns meses (Lc 9.18-20), tendo Jesus perguntado aos Seus discípulos quem eles afirmavam ser Ele, Pedro respondeu: “És o Cristo de Deus!”. Pedro, portanto, inspirado por Deus, conforme reconhecido pelo próprio Jesus (Mt 16.17), testemunha ser Jesus o Cristo, o ungido, prometido por Deus para libertar a humanidade da escravidão e morte a que submetida. Ao que Jesus responde: “Também eu te digo que tu és Pedro [petros, no original grego], e sobre **esta pedra** [petra] **edificarei a minha Igreja**, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela” (v. 18).

Todo corpo tem como base uma célula-mãe inicial, cuja “informação genética” do DNA é reproduzida para todas as demais, proporcionando a harmonia do corpo. No caso, Jesus, ao anunciar a edificação da Sua Igreja, Seu Corpo na Terra, contra o qual as células cancerígenas do inferno não prevaleceriam, indicou qual seria essa célula-mãe: **a afirmação de ser Jesus o Cristo prometido por Deus para libertar a humanidade da escravidão do ego.**

Há quem sustente que nessa afirmação Jesus estaria dizendo que a pedra sobre a qual Sua Igreja seria edificada seria Pedro (do grego petros). Entretanto, o termo grego **petros**, traduzido como Pedro, significa pedaço de rocha, enquanto a palavra em seguida traduzida como a pedra sobre a qual Jesus edificaria Sua Igreja foi **petra**, que significa rocha. Ao que tudo indica, Jesus fazia um trocadilho, dizendo que **apesar de Pedro**

ser petros (pedaço de rocha) **Ele edificaria Sua Igreja sobre a petras** (a afirmação de ser Ele o Cristo, e portanto sobre o próprio Cristo).

É como se Jesus afirmasse que o fato de ser Ele o Cristo, ungido para libertar os doentes e escravizados, constituiria a “informação genética” do DNA da célula-mãe da Sua Igreja.

O termo “Igreja” utilizado por Jesus em Mt 16.18 (do grego ekklesia e do latim ecclesia) tinha naquele tempo o sentido de “assembléia dos cidadãos livres e votantes da cidade”⁴. O contexto histórico e imediato da passagem em que Jesus anuncia a edificação da sua Igreja, portanto, nos permite concluir que Ele estava dizendo algo como: **“Assim como Roma tem sua assembléia dos cidadãos livres (ekklesia), Eu sou o ungido libertador sobre quem edificarei uma ‘assembléia dos cidadãos livres’, retirados da escravidão e morte para a liberdade e vida, contra a qual as portas do inferno (separação eterna de Deus e do amor) não prevalecerão.** Ou seja, essa assembléia saquearia do inferno as pessoas outrora escravas da desobediência (do desamor e egoísmo) e as tornaria **livres para amar.**

A Igreja de Cristo, assim, equivale ao **Corpo em que a “informação genética” original do amor foi restabelecida.** É a congregação de pessoas chamadas para fora da escravidão e da morte para a liberdade e a vida: **a congregação do Reino de Deus e do Amor.**

III. IGREJA e RELIGIÃO

Não se pode confundir, entretanto, a Igreja de Cristo com as diversas igrejas ou religiões que surgiram ao longo dos mais de dois milênios da sua instituição. Fazer parte de uma religião, por melhor que seja, não torna a pessoa parte do Corpo de Cristo, portanto não a torna uma **nova criatura.** Religião, aliás, no sentido de um conjunto de rituais desprovido de vida, não agrada a Deus (Is 1.11-17, Is 8.12, Is 29.13, Am

⁴ Comentário da Bíblia King James a Mt 16.18.

5.21, Jr 10.3-5, Ez 33.31-33) nem a Cristo (Mt 21.13, Mt 23.15). A propósito, Tiago, irmão “biológico” de Jesus, foi categórico ao afirmar que *“a religião que Deus, o nosso Pai, aceita como sincera e imaculada é esta: cuidar dos órfãos e das viúvas em suas dificuldades e, especialmente, não se deixar corromper pelas filosofias mundanas”* (1.27).

Na verdade, a tentativa de monopolizar Jesus Cristo, circunscrevendo-O e restringindo Sua salvação a determinado grupo religioso não é recente, tendo sido presenciada e reprovada pelo próprio Jesus. Com efeito, Lucas (9) registra que os apóstolos receberam autoridade de Jesus e foram enviados “para proclamar o Reino de Deus e curar os doentes”, e que assim fizeram (v. 2). Passados alguns dias, logo após uma discussão sobre quem seria o maior entre eles, “Disse-lhe João: Mestre, vimos um homem que em teu nome expulsava demônios; e **lho proibimos, porque não segue conosco**. Respondeu-lhe Jesus: Não lho proibais; porque quem **não é contra vós é por vós**.” (vv. 49-50).

Note que Jesus substitui o “conosco” pelo “convosco”, **deixando claro que Ele não era exclusivo desse grupo**. Essa tendência de circunscrever a Jesus a determinado grupo ou religião pode ser chamada de “pluralização do si mesmo”: tendo Jesus dito que ninguém poderia segui-lo e fazer parte de Seu Corpo sem negar a si mesmo – a tendência ao individualismo – (Mt 16.24, Mc 8.34 e Lc 9.23), os grupos de pessoas que abandonaram o “si mesmo” tendem a instituir o “nós mesmos” e o “conosco”. É contra essa tendência da priorização do “si mesmo”, singular ou pluralizado, que a Igreja precisa lutar, pois reprovada pelo próprio Cristo.

No mesmo sentido – de que Jesus não se circunscreve a um grupo espacial e temporal específico – é a seguinte afirmação do Mestre: *“tenho outras ovelhas que **não são deste curral**, as quais devo da mesma maneira trazer; elas ouvirão minha voz, e haverá **um só rebanho** e um só pastor”* (Jo 10.16). Ou seja: por um lado, existem ovelhas que muitas vezes não são tidas como ovelhas porque estão em outro aprisco, **mas fazem parte do rebanho do bom e único pastor**; por outro lado, muitos dos que têm aparência de trigo, crescendo na mesma plantação, **são na**

verdade joio e como tal serão revelados no Último Dia e lançados no fogo (Mt 13).

Por essa razão, costumo dizer que **a Igreja de Cristo é maior e menor do que se costumamos pensar**: maior porque não se limita a uma determinada igreja (ajuntamentos locais), denominação ou religião, como querem crer e fazer crer alguns; menor porque muitos dos de cada igreja ou religião efetivamente não integram a Igreja de Cristo.

A Igreja de Cristo é uma família sem fronteiras temporais e geográficas. Paulo escreve que não somos mais estrangeiros, nem forasteiros, “**mas concidadãos dos santos e membros da família de Deus**” (Ef 2.19). Jesus, por sua vez, diz que sua família (“irmão, irmã e mãe”) são aqueles que fazem a vontade de Deus (Mc 3.35).

Ainda a respeito de não se poder confundir o Reino de Deus com determinada igreja, denominação ou religião, mostra-se **relevante observar**, nos evangelhos, **o testemunho de salvação proferido por Jesus relativamente a algumas pessoas**:

- A mulher que sofria de hemorragia há doze anos (Mc 5), “tendo ouvido falar a respeito de Jesus”, creu que “se ao menos tocasse as Suas vestes ficaria curada” (v. 28). Sua fé em Jesus foi suficiente para Ele afirmar “minha filha, **a tua fé te salvou!** Vai-te em paz” (v. 34);

- O cego Bartimeu (Mc 10), ouvindo que Jesus de Nazaré passava, começou a gritar repetidamente: “Jesus, filho de Davi, tem misericórdia de mim!” Ao que Jesus respondeu: “ ‘Vai em frente, **a tua fé te salvou!**’ ” (v. 52);

- A mulher pecadora que lavou e ungiu os pés de Jesus com perfume, ouviu do Senhor: “**A tua fé te salvou;** vai-te em permanente paz” (Lc 7.50);

- O único dentre os dez leprosos que voltou para agradecer a Jesus, obteve d’Ele a resposta: “Levanta-te e vai! **A tua fé te salvou**” (Lc 17.19);

- Zaqueu, o cobrador de impostos na casa de quem Jesus se hospedou e que a Ele comunicou a decisão de dar metade de seus bens

aos pobres e devolver quatro vezes mais àqueles a quem tivesse extorquido, obteve o seguinte reconhecimento do Mestre “‘Hoje, **houve salvação nesta casa**, pois este homem também é filho de Abraão’ ” (Lc 19.10).

Embora tenha expressamente atestado a salvação de cada um deles – e portanto a inserção no Corpo de Cristo, sua Igreja – a nenhum Jesus disse que teria que “mudar de religião” ou de igreja, adotar determinadas práticas e rituais, seguir os apóstolos, etc. Apenas disse: **A tua fé [em Jesus] te salvou! A paz com Deus foi restabelecida! Você foi reinserido no Reino do Amor.**

A respeito da falsa impressão – veemente sustentada por muitos – de que a Igreja de Jesus Cristo é materializada por alguma ou algumas igrejas (denominações) na terra, válido repetir a seguinte afirmação do reverendo Caio Fábio: *“quem já entendeu o evangelho sabe que igreja nenhuma representa nada, nada, nada: nem Assembléia de Deus, nem igreja Presbiteriana, nem grupo nenhum, nem o Caminho da Graça. Ninguém que abre uma porta ou levanta uma bandeira e diz: nós somos a igreja, representa nada, a não ser eles; eles se representam. Jesus não instituiu essa representação e não tem nada a ver com essa representação, porque Deus não habita em instituições nem em grupos humanos. Deus habita corações. **Grupos humanos são habitados por Deus quando indivíduos desses grupos humanos vivem no amor de Deus.**”*⁵

IV. IGREJA e CONGREGAÇÃO

Significado e relevância do ato de congregar

A desnecessidade de se pertencer a uma religião ou igreja formalmente estabelecida, entretanto, não nega a necessidade de mantermos comunhão com outros membros do Corpo de Cristo. Assim como a célula só é considerada integrante de um corpo se e enquanto nele

⁵ Palavras proferidas no programa Papo de Graça, veiculado pela Vem & Vê TV, disponibilizado no site <https://www.youtube.com/watch?v=8uiX2cTLUIs>, acessado no dia 03/10/2015.

inserido e ali desempenhando suas funções, impossível conceber alguém que pertença ao Corpo de Cristo mas não mantenha nenhuma comunhão e interação com outros integrantes de Sua Igreja.

De fato, conforme já observado, Jesus não se esvaziou de Sua glória e tomou a forma limitada de ser humano sem razão, mas tinha um propósito: **formar a comunidade daqueles retirados da escravidão e morte para a liberdade e vida** (Is 61.1-9, Lc 4.16-21 e Mt 16.13-18). Se a Igreja de Cristo equivale a uma comunidade, inegável sua dissociação do ato de congregar. Daí a orientação constante de Hebreus 10.25: “Não abandonemos a tradição de nos reunirmos como Igreja, segundo o procedimento de alguns, mas, pelo contrário, motivemo-nos uns aos outros tanto mais quanto vedes que o Dia está se aproximando”.

A propósito, Jesus – o elemento central da Sua Igreja, sem cuja presença ela não existe nem se manifesta – não prometeu fazer-se presente quando uma pessoa existir isoladamente em seu nome, mas quando e onde “**dois ou três reunidos em meu nome**” (Mt 18.20). A Igreja de Cristo, portanto, não é caracterizada por uma consciência individual teologicamente correta, mas pelo compartilhamento de uma mesma consciência.

Pode-se dizer, assim, que o ato de congregar equivale à reunião ou ajuntamento de pessoas que – tendo sido retiradas da escravidão do egoísmo – pertencem à **Igreja de Jesus Cristo**, de pessoas que foram inseridas em Seu Reino, o Reino do Amor. Igreja, portanto, é sinônimo de congregação dos Santos, sendo contraditório alguém afirmar que pertence à Igreja de Cristo, mas não congrega.

De fato, como sempre diz meu pai, Geraldo Borges, somente para pessoas que vivem congregadas, em comunhão, fazem sentido os chamados mandamentos recíprocos: “**lavai os pés uns dos outros**” (Jo 13.14); “**ameis uns aos outros**” (Jo 13.34 e 35; 15.12 e 17; Rm 12.10;); “**não julgueis uns aos outros**” (Rm 14.13); “**recebei uns aos outros**” (Rm 15.7); “**admoestai-vos uns aos outros**” (Rm 15.14); “**saudai-vos uns aos outros com o ósculo (beijo) santo**” (Rm 16.16; 1 Co 16.20; 2 Co 13.12; 1 Pe 5.14); “**quando vos ajuntardes para comer, esperai uns**

pelos outros” (1 Co 11.33); ***“pelo amor, servi-vos uns aos outros***” (Gl 5.13); ***“não vos consumais uns aos outros***” (Gl 5.15); ***“não nos tornemos vangloriosos, provocando-nos uns aos outros, invejando-nos uns aos outros***” (Gl 5.26); ***“suportai-vos uns aos outros em amor***” (Ef 4.2); ***“sede uns para com os outros bondosos, compassivos e perdoadores***” (Ef 4.32); ***“sujeitai-vos uns aos outros no temor de Cristo***” (Ef 5.21); ***“não mintais uns aos outros***” (Cl 3.9); ***“suportai-vos e perdoais-vos uns aos outros***” (Cl 3.13); ***“ensinai-vos e admoestai-vos uns aos outros***” (Cl 3.16); ***“sois instruídos por Deus a amardes uns aos outros***” (I Ts 4.9); ***“consolai-vos uns aos outros***” (I Ts 4.18); ***“exortai-vos e edificai-vos uns aos outros***” (I Ts 5.11); ***“o amor de cada um de vós transborde uns para com os outros***” (2 Ts 1.3); ***“exortai-vos uns aos outros***” (Hb 3.13); ***“consideremo-nos uns aos outros, para estimularmos ao amor e às boas obras***” (Hb 10.24); ***“admoestando-nos uns aos outros***” (Hb 10.25); ***“não faleis mal uns dos outros***” (Tg 4.11); ***“não vos queixeis uns dos outros***” (Tg 5.9); ***“confessai vossos pecados uns aos outros e orai uns pelos outros, para serdes curados***” (Tg 5.16); ***“amai-vos ardentemente uns aos outros***” (1 Pe 1.22); ***“servindo uns aos outros conforme o dom que cada um recebeu***” (1 Pe 4.10); ***“cingi-vos todos de humildade uns para com os outros***” (1 Pe 5.5); ***“amemos uns aos outros***” (1 Jo 3.11 e 23; 4.7 e 11; 2 Jo 1.5); ***“se nós amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós***” (1 Jo 4.12).

A Igreja de Cristo e sua aparente subdivisão⁶

O Corpo de Cristo na terra, Sua Igreja, à luz das Escrituras, pode ser concebido sob dois aspectos: subjetivo e objetivo. Pelo primeiro, considera-se Igreja/Congregação o ajuntamento imaterial de todos os que passam a pertencer ao **Reino de Deus (ou do amor)**. Essa **Igreja/Congregação** – que não encontra nos dogmas ou doutrinas, nas divergências de opiniões ou interpretações, nem nas preferências razão

⁶ O termo divisão ou subdivisão aqui utilizado diz respeito exclusivamente à separação material em congregações, pois a Congregação universal é absolutamente insuscetível de divisão.

para a segregação – **equivale à verdadeira e única Igreja, edificada por Jesus Cristo, e não é separada nem mesmo pelo tempo ou geografia. Ela reúne num só corpo, cuja cabeça é Cristo, cristãos de todos os lugares e épocas.** A palavra Igreja é usada na Bíblia nesse sentido em textos como Mt 16.18 e Cl 1.18 e 24.

Essa Igreja/Congregação subjetiva e universal, entretanto, materializa-se em igrejas/congregações, ajuntamentos menores, separadas fisicamente no tempo e no espaço. A quase totalidade das vezes que a palavra igreja (ekklesia) é utilizada na Bíblia refere-se a esses ajuntamentos locais. Essa é a segunda forma de se conceber o termo igreja.

No início da Igreja instituída por Cristo na terra – Seu Corpo, Sua extensão –, ela era referida exclusiva e simplesmente como “Igreja”. Onde se juntassem duas ou mais pessoas pertencentes a Cristo, chamadas para fora da escravidão do egoísmo e das trevas, ali se encontraria Sua Igreja, Seu ajuntamento, Sua congregação, Seu povo (Mt 18.20).

Cristo, conforme observado, não conferiu qualquer nome especial ao instituir Sua Igreja. Simplesmente disse: “sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela” (Mt 16.18).

A **Igreja/Congregação**⁷ instituída por Jesus, de fato, não é identificada nem identificável por uma denominação, mas pela vida de seus integrantes. Ela não encontra razão para a segregação nos dogmas ou doutrinas, nas divergências de opiniões ou interpretações, nem nas preferências. **A Igreja de Cristo reúne, num só corpo cuja cabeça é Cristo, cristãos⁸ de todos os lugares e épocas, não sendo dividida nem mesmo pelo tempo ou espaço.**

Na medida em que os salvos integrantes dessa Igreja se espalharam por outras cidades, cada ajuntamento em cada cidade era

⁷ Conforme mencionado na apresentação, grafo as palavras “Igreja” e “Congregação” com iniciais maiúsculas sempre que me referir à congregação universal e subjetiva, à igreja de Cristo, diferenciando-a das diversas igrejas e congregações físicas, que serão grafadas com inicial minúscula ou referidas como “subcongregações”.

⁸ O termo “cristão” foi referido pela primeira vez, em Antioquia, para identificar **os seguidores e imitadores de Cristo** (At 11.26), e nesse sentido é aqui adotado.

igualmente chamado igreja (ekklesia), acrescentando-se apenas a respectiva cidade, como igreja em Cencréia (Rm 16.1), igreja em Corinto (1 Co 1.2), igrejas na Galácia (1 Co 16.1), igrejas na Macedônia (2 Co 8.1), igrejas na Judéia (Gl 1.22), igreja dos tessalonicenses (I Ts 1.1), igreja em Éfeso (Ap 2.1), igreja em Esmirna (Ap 2.8), igreja em Pérgamo (Ap 2.12), igreja em Tiatira (Ap 2.18), igreja em Sardes (Ap 3.1), igreja em Filadélfia (Ap 3.7) e Laodicéia (Ap 3.14 etc. O conjunto dessas igrejas, assim, era referido, no plural, como igrejas (ekklêsian), ajuntamentos, assembléias, congregações. O termo “igreja”, até então, tanto não tinha o sentido de denominação ou templo que muitas são as referências, na Bíblia, da “igreja” (ekklesia) se reunindo nas casas (Rm 16.5, 1 Co 16.19, Cl 4.15, Fl 1.2). Ou seja, a palavra “igreja” (ekklesia), na Bíblia, tanto refere-se ao Corpo de Cristo como um todo (Mt 16.18 e Cl 1.18 e 24), em sua universalidade e catolicidade, como faz referência a cada sub-ajuntamento desse Corpo único, nas diversas localidades.

Embora tenha sido instituída como um Corpo íntegro, sem divisões e segregação, a tentativa de monopolizar Jesus Cristo, circunscrevendo-O e restringindo Sua salvação a determinado grupo religioso não é recente, consoante observado, tendo sido presenciada e reprovada pelo próprio Jesus. Com efeito, conforme já mencionado, Lucas (9) registra que os apóstolos receberam autoridade de Jesus e foram enviados “para proclamar o Reino de Deus e curar os doentes”, e que assim fizeram (v. 2). Passados alguns dias, logo após uma discussão sobre quem seria o maior entre eles, “Disse-lhe João: Mestre, vimos um homem que em teu nome expulsava demônios; e **lho proibimos, porque não segue conosco**. Respondeu-lhe Jesus: Não lho proibais; porque quem **não é contra vós é por vós**.” (vv. 49-50). Note que Jesus substitui o “conosco” pelo “convosco”, **deixando claro que Ele não era exclusivo desse grupo**. No mesmo sentido é a seguinte afirmação do Mestre: “*tenho outras ovelhas que **não são deste curral**, as quais devo da mesma maneira trazer; elas ouvirão minha voz, e haverá **um só rebanho** e um só pastor*” (Jo 10.16).

Paulo, igualmente, percebeu essa tendência e contra ela se posicionou, conforme se depreende do seguinte trecho da primeira carta de Paulo aos Coríntios (1 Co 1.10-13):

Suplico-vos, queridos irmãos, pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que concordeis uns com os outros no que falam, a fim de que não haja entre vós divisões; antes, sejais totalmente unidos, sob uma mesma disposição mental e no mesmo parecer.

Caros irmãos, fui informado a vosso respeito, pelos da família de Cloé, que existem discórdias entre vós.

Refiro-me ao fato de um de vós afirmar: ‘Eu sou de Paulo’; enquanto o outro declara: ‘Eu sou de Apolo’; e outro: ‘Eu sou de Pedro’; e ainda outro: ‘Eu sou de Cristo!’

Ora, acaso Cristo está dividido? Foi Paulo crucificado em vosso favor? Fostes batizados em nome de Paulo?

Os integrantes da Igreja de Cristo, entretanto, acabaram divergindo em opinião relativamente a assuntos secundários e acabaram por **subcongregarem-se** em grupos menores, aos quais conferiram nomes variados para diferenciação. Surgem, assim, diversas religiões e/ou igrejas que, embora tendo por base os ensinamentos do mesmo Cristo e as mesmas Escrituras Sagradas, subagruparam-se de acordo com opiniões, interpretações e preferências relativamente a questões não essenciais⁹.

Imagino Paulo pregando em nossos dias: “*Por que alguns de vocês afirmam: ‘Eu sou da igreja Batista’; outros: ‘Eu da igreja Presbiteriana’; e outros: ‘Eu sou da igreja Católica’; e ainda outros: ‘Eu sou da igreja Adventista’.* Por acaso não buscam todos o Reino de Deus? Não têm todos o mesmo Pai? Não seguem os ensinamentos do mesmo Cristo, registrados nos evangelhos? Não integram todos a Igreja de Cristo?”

⁹ Quando a divergência disser respeito a questão essencial para a identificação do agrupamento como integrante do Corpo de Cristo, não se estará diante do estabelecimento de subcongregações, mas sim de necessária e difícil providência tendente à preservação da pureza do Corpo: **a exclusão da comunhão.**

A história registra, nos dois milênios desde a edificação da Igreja de Cristo, inúmeras tentativas de congregar todos os seus integrantes num só ajuntamento ou congregação (com ou sem denominação). **Todas elas restaram frustradas.** A maioria, possivelmente todas, acabou por criar, ao fim, uma subcongregação a mais.

Essa unificação objetiva, acredito, nunca acontecerá, e nem estou mais tão convencido de que esse ideal deva ser perseguido, tendo em vista a corruptibilidade e a falibilidade humana. Unir todos os cristãos sob uma só placa ou denominação, sob a liderança de um só homem ou concílio, é por demais perigoso. **Para Deus, basta a unidade subjetiva, que, consoante mencionado, nem o tempo e a geografia separam.**

Ser humano nenhum, acredito, será capaz de congregar católicos (católicos, anglicanos e carismáticos), batistas, presbiterianos, adventistas, assembleianos etc. Cada uma dessas denominações tem convicções e dogmas divergentes entre si muito bem alicerçados e firmados, **apesar de estarem todos embasados nos ensinamentos do mesmo Jesus Cristo.** A Igreja subjetiva, entretanto – que não encontra barreira nas divergências vivenciadas por essas subcongregações –, é composta, estou certo, por irmãos de cada uma delas e de tantas outras, bem como por irmãos que não participam de nenhuma denominação ou religião formalmente instituída. Se nem as portas do inferno prevalecem contra a Igreja de Cristo (Mt 16.18), muito menos as placas, doutrinas e dogmas da religião a resistirão.

As subcongregações, aliás, mostraram-se presentes na própria congregação de Israel, nossa maquete na Velha Aliança. Cada uma das doze tribos de Israel tinha suas próprias terras, particularidades, preferências, costumes, dons, talentos, funções e características, mas todas elas, **conjuntamente**, formavam a congregação de Israel, com um único Deus e um mesmo propósito: entrar e viver na terra prometida, possuí-la.

Que assim seja conosco. As muitas subcongregações da Igreja de Cristo não nos serão problema se, ao invés de nos vermos como

inimigos e rivais, **aprendermos a enxergar o mesmo Espírito umas nas outras**. Se não enxergamos o Espírito Santo em determinada igreja ou religião que se diga seguidora de Cristo e de Seus ensinamentos, peçamos a Deus que: (i) abra os nossos olhos para que possamos enxergar a ação do Espírito nela e por intermédio dela, ou; (ii) sobre essa igreja derrame seu Espírito vivificante, se ela de fato não O possui (Ef 4.3). Para tanto, não nos esqueçamos das Palavras do Mestre: **“Quem não é contra vós, está a vosso favor”** (Lc 9.50).

As Escrituras Sagradas não afirmam que todo aquele que se filiar a determinada religião será salvo, mas sim que “todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo” (Jl 2.32, At 2.21 e Rm 10.13). Se a pessoa que com sinceridade passar a invocar o nome do Senhor precisar mudar de religião para ser salva, ou mudar a religião onde se encontra para salvar seus irmãos, Deus haverá de lhe dar discernimento nesse sentido. Não precisamos nos preocupar com isso.

Com efeito, os Samaritanos invocavam a Deus com sinceridade há séculos, mas continuavam a adorar seus deuses (2 Rs 17.24-41). Deus, então, não deixou de se apresentar a eles para salvá-los pelo fato de “sua religião estar equivocada”. Pelo contrário, cumprindo sua promessa de que “todo” o que invocasse o Seu nome seria salvo, determinou a Jesus que, estando na terra, passasse por Samaria (Jo 4.4). Daí a expressão “era-lhe necessário passar por Samaria” (v. xxx).

Note-se, a propósito, que quando Jesus compartilhava o Reino de Deus com a mulher samaritana, ela lhe dirigiu o seguinte questionamento: *“Senhor, eu percebo que tu és profeta! Nossos pais adoravam sobre este monte, mas vós, judeus, dizeis que Jerusalém é o lugar onde se deve ‘adorar’.”* (Jo 4.19-20) **Essa divergência religiosa com os judeus os separava há séculos, pois existia desde a origem dos samaritanos** (2 Rs 17.24-41), **e Jesus se recusou a fomentá-la**, limitando-se a responder: “Mulher, podes crer-me, está próxima a hora quando nem neste monte, nem em Jerusalém adorareis o Pai (...), os verdadeiros adoradores adorarão o Pai, em espírito e em verdade” (vv. 21-23). Em outras palavras, Jesus respondeu: **“Nem lá, nem cá! Nem a minha religião, nem a tua!”**

Assim, muitas podem ser as subcongregações, desde que haja *“um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação; um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos e em todos”* (Ef 4.4-6).

Precisamos ter a consciência de que, nas palavra do Mestre Jesus, **existem outras ovelhas que não fazem parte do mesmo aprisco (ou congregação) que nós**, mas que igualmente fazem parte do Rebanho (**a Congregação**), tendo todos um único Pastor, Jesus (Jo 10.16). Não esteja, portanto, nossa unidade baseada na coincidência de pensamentos, interpretações e preferências, nem na identidade de dons e ministérios, mas na presença unificadora do Espírito Santo de Deus.

Há uma tendência de lermos o capítulo doze da primeira carta aos Coríntios com uma visão local (subcongregação). Dessa forma, esperamos ver, necessariamente, todos os dons e ministérios do Espírito Santo distribuídos na congregação (igreja) a que pertencemos. Lembremo-me, inclusive, de ouvir pessoas serem repreendidas por visitarem outras igrejas em busca de oração para a cura de determinada doença, sob o fundamento de que, **se o Deus é o mesmo, poderia curá-las na congregação da qual participavam**. Já ouvi também líderes afirmarem categoricamente que sua denominação equivalia à verdadeira igreja de Jesus Cristo porque ali o dom de cura se evidenciava, e que as demais, onde não se viam curas e maravilhas, não poderiam ser consideradas Casa de Deus.

Entretanto, se o Corpo de Cristo (Congregação universal) é integrado por pessoas de várias subcongregações, Ele pode (e é o que me parece acontecer) dividir esses dons entre esses ajuntamentos, até como forma de criar uma **interdependência tendente à comunhão**. Assim, em determinada igreja ou ajuntamento, o dom de cura pode ser mais evidenciado; em outra, o de profecia; em outra, o de operação de milagres; em outra, o de discernimento de espíritos; em outra, o da variedade de línguas; em outra, o do ensino da Palavra; em outra, o da evangelização; em outra, o da caridade, **“mas um só e o mesmo Espírito opera todas**

estas coisas, distribuindo particularmente a cada um como quer (1 Co 12.11).

Em resumo, o subagrupamento da Igreja de Cristo em diversas denominações ou religiões **não tem o poder de descaracterizar Sua indivisibilidade e universalidade**, uma vez que a identidade e unidade da Igreja universal e subjetiva de Jesus Cristo não está na coincidência de rituais, opiniões, interpretações e preferências, mas, nos dizeres do próprio Jesus, em **Sua presença em nós** (Jo 17.22). A propósito, Ele mesmo, cabeça da Sua Igreja, foi claro ao afirmar: **“onde se acharem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles”** (Mt 18.20).

Onde congregar?

Diante de todo o exposto acima, poder-se-ia, para fins didáticos, classificar dois tipos de comunhão no Corpo de Cristo: **comunhão mediata (indireta) e imediata (direta)**. Assim, a comunhão mediata seria aquela subjetiva, mantida ao mesmo tempo com todas as pessoas que integram a Igreja de Cristo em todos os lugares e tempos, religiosas ou não. A comunhão imediata, por sua vez, seria a comunhão mantida com uma pequeníssima parcela desse Corpo, mediante o congregar. Comparando com um corpo humano, o dedo mínimo da mão direita manteria comunhão mediata com todo o corpo, mas comunhão imediata apenas com a mão direita e seus outros dedos.

Cada pessoa, assim, deve identificar em que parte do Corpo manterá comunhão mais próxima, direta e imediata. **Mas, se hoje existem muitas congregações (igrejas), como escolher uma para dela fazer parte? Como saber qual ajuntamento, igreja, religião ou congregação verdadeiramente faz parte da Igreja de Cristo?**

Primeiramente, repita-se que o congregar pode acontecer tanto em edifícios, lojas, auditórios, como em casas, salas, barcos, garagens ou ao ar livre, porque **“Deus não habita templos feitos por mãos humanas”** (At 17.24b), mas sim nas pessoas que aí congregam (1 Co 3.16, 6.19; Ap 21.3). Sua presença se dá em nossos corações, razão pela qual **o congregar de qualquer quantidade de pessoas em seu nome** (duas,

por exemplo) **equivale ao congregar da Igreja de Cristo**, pois Ele, sua cabeça, prometeu que ali estaria (Mt 18.20).

Consoante visto, **as muitas subcongregações da Igreja de Cristo** – independentemente do tamanho e de onde se reúnem – agregam pessoas que, embora igualmente salvas por Cristo do império do egoísmo e das trevas, divergem em determinadas práticas, rituais, estilos, interpretações, dogmas, doutrinas, etc. Ou seja, embora divirjam em questões secundárias, **necessariamente submetem-se ao senhorio de Jesus Cristo como o Filho de Deus** e em nome d’Ele se reúnem.

A primeira coisa que você deve fazer, portanto, é **identificar se determinada igreja ou congregação**, à qual você pretenda se agregar ou já esteja inserido, **expressamente admite crer em Jesus Cristo como filho de Deus e busca, com sinceridade e apesar das limitações, seguir Seu mandamento: o amor**.

Não basta, portanto, que a congregação esteja “teologicamente correta”, que suas crenças principais estejam conforme as Escrituras. É necessário que sinceramente esteja buscando cumprir o mandamento do Reino de Deus: o amor. Esse requisito é essencial, pois é a presença de Jesus Cristo como filho de Deus, pelo Espírito Santo, cujo fruto é o amor, que identifica quem verdadeiramente foi salvo e liberto da escravidão do egoísmo e do império de satanás.

De fato, **tendo Jesus dito que “*pelo fruto conhecereis a árvore*”** (Mt 12.33) e **que o fruto do Espírito é o amor** (Gl 5.22), **somente atitudes de amor podem evidenciar a reinserção da pessoa no Reino do Amor e seu livramento do império do egoísmo**. O próprio Mestre Jesus expressamente nos advertiu: “Acautelai-vos, porém, dos falsos profetas, que vêm até vós vestidos como ovelhas, mas, interiormente, são lobos devoradores” (Mt 7.15). Ou seja, não é pelo que pregam, pelo carisma, pela simpatia, pela eloquência etc, mas pela vida dos líderes de determinada igreja, denominação ou religião que identificaremos a fonte à qual está ligada. A estreita correção entre o estar ligado a Cristo e o fruto do amor foi bastante enfatizado por Jesus, conforme escreveu o Apóstolo João (Jo 15).

A propósito, note que nem mesmo os sinais (curas, falar em línguas, profecias etc) devem ser considerados como confirmação de que determinada congregação esteja, de fato, ligada a Jesus Cristo, cabeça da verdadeira, única e universal Igreja, pois Ele mesmo advertiu, expressamente, que **“surgirão falsos cristos e falsos profetas, e farão tão grandes sinais e prodígios que, se possível fora, enganariam até os escolhidos”** (Mt 24.24 e Mc 13.22). Ou seja, embora Jesus tenha prometido que os sinais acompanhariam os que cressem (Mc 16.17), também nos alertou que os sinais não deveriam ser tomados como confirmação da presença de Deus sob determinado líder religioso, pois os falsos profetas e falsos cristos também os realizariam. **Os sinais é que devem seguir os que crêem, e não os que crêem seguir os sinais.** O apóstolo João, igualmente, assim alertou: **“Amados, não creiais a todo o espírito, mas provai se os espíritos são de Deus,** porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo” (1 Jo 4.1).

Uma vez confirmado o senhorio de Jesus Cristo sobre determinadas igrejas, denominações ou ajuntamentos, você pode escolher aquela cujas práticas, crenças e interpretações secundárias **se aproximem** das suas principais convicções. Digo “se aproximem” porque dificilmente você encontraria uma congregação com a qual suas opiniões se identifiquem completamente.

Há que se considerar, também, fatores como afinidade, localização geográfica e, principalmente, onde seus dons e talentos serão melhor aproveitados no Corpo. A propósito, válido lembrar a analogia inicialmente traçada com as células do corpo: as células com iguais características congregam-se e formam tecidos específicos, para cumprir sua função no corpo.

Tome essa decisão em oração e o Espírito Santo, certamente, há de direcioná-lo à melhor escolha.

Independentemente do local que você escolha para congregar, é fundamental **a sua consciência de que a Congregação de Cristo, Seu Corpo, não se resume a esse ajuntamento local e de que a comunhão**

com irmãos de outras congregações pode ser saudável, e muitas vezes indispensável, consoante já observado.

Em resumo, a **Igreja de Cristo**, Congregação que reúne os membros do Corpo de Cristo de todas as épocas e lugares, ***não se confunde com determinada igreja e religião existente no mundo***. Também não é formada pela soma das igrejas e religiões que se baseiam nos ensinamentos de Cristo, pois nem todos os membros dessas congregações compõem o Corpo de Cristo. Logo, fazer parte de uma igreja ou religião não torna a pessoa integrante do Corpo de Cristo, Sua Igreja, assim como **o fato de não participar de nenhuma igreja formalmente estabelecida não significa, necessariamente, que ela não pertença à Igreja de Cristo**. Isso porque é perfeitamente possível que uma pessoa – pertencendo à Igreja de Cristo por ter sido liberta da escravidão do pecado, mesmo que não esteja formalmente filiada a determinada instituição – mantenha comunhão pelo Espírito Santo com outros irmãos libertos, ligados ou não a determinada instituição religiosa. Essa comunhão informal, ressalte-se, equivale a uma subcongregação que igualmente integra a Congregação universal, pois, repita-se, Jesus prometeu estar presente sempre que duas ou três pessoas se reunirem em Seu nome.

Que Deus nos dê a graça de – enquanto participamos de determinada subcongregação, com a qual melhor nos identificamos – participarmos de eventos de comunhão de outras congregações irmãs, **cujos dons e ministérios poderão nos auxiliar no processo de edificação e crescimento pessoal**.